

A INSERÇÃO DE MULHERES TRANSEXUAIS NO MERCADO DE TRABALHO

Geovana Bernardes Candido¹
Ivy Paloma Pereira de Jesus²
Maria Vitória Zulian Rossi³

Resumo: Há uma discrepância quanto ao ingresso de mulheres transexuais no ambiente formal de trabalho e ao usufruto de oportunidades em relação às mulheres cisgêneras. Para que esta realidade mude, é preciso desenvolver uma nova cultura, na qual se incluam todos os tipos de diversidade. Com base nesse cenário, o presente artigo científico visa à melhor compreensão acerca da inserção das mulheres transexuais no mercado de trabalho formal. De acordo com os dados obtidos, 6,7% das mulheres transexuais possuem ensino superior completo com mestrado/doutorado. Mesmo ainda sendo uma margem baixa pela quantidade de respostas obtidas, pode-se supor que as oportunidades para um trabalho formal estejam melhorando, embora ainda existam mulheres transexuais, 14,28%, que precisam recorrer à prostituição como fonte de renda. Em relação as mesmas, o preconceito e a discriminação são os principais fatores que levam a uma vida hostilizada e marginalizada. Dessa forma, abraçar a diversidade é construir um futuro melhor e com menos pré-conceitos e conceitos estigmatizados.

Palavras-Chave: Transexualidade, Mercado de Trabalho, Discriminação.

Abstract: There is a discrepancy regarding the entry of transsexual women into the formal work environment and the enjoyment of opportunities in relation to cisgender women. For this reality to change, it is necessary to develop a new culture that includes all types of diversity. Based on this scenario, the present work aims to better understand the insertion of transsexual women in the formal job market. According to the data obtained, 6.7% of transsexual women have completed higher education with a master's/doctoral degree. Even though it is still a low margin due to the amount of answers obtained, it can be assumed that the opportunities for formal work are improving, although there are still transsexual women, 14.28%, who need to resort to prostitution as a source of income. , prejudice and discrimination are the main factors that lead to a hostile and marginalized life, in this way embracing diversity is building a better future with less prejudice and stigmatized concepts.

Keywords: Transsexuality, Labor Market, Discrimination

¹ Geovana Bernardes Candido, geovana_bernardes@hotmail.com. Concluinte do curso técnico em Recursos Humanos.

² Ivy Paloma Pereira de Jesus, ivy.paloma.pj@gmail.com. Concluinte do curso técnico em Recursos Humanos.

³ Maria Vitória Zulian Rossi, ma.zuro2019@gmail.com. Concluinte do curso técnico em Recursos Humanos.

Introdução

Há uma discrepância quanto ao ingresso de mulheres transexuais⁴ no ambiente formal de trabalho e ao usufruto de oportunidades em relação às mulheres cisgêneras. Ainda hoje, vivemos em uma sociedade machista e patriarcal, CIS-HETERO-NORMATIVA⁵, em que o CISTema⁶ impõe que apenas pessoas cisgêneras⁷ e heterossexuais⁸ tenham o status de indivíduo. Dessa maneira, há uma desvalorização e uma diferenciação da mulher transexual na inserção no mercado de trabalho.

Para que esta realidade mude, é preciso desenvolver uma nova cultura, na qual se incluam todos os tipos de diversidade. O resultado desta nova cultura poderá gerar um impacto positivo na sociedade, ou seja, de forma que as pessoas entendam que mulheres transexuais não servem somente para trabalhar em empregos estereotipados, como cabeleireiras, maquiadoras, ou até mesmo, na prostituição.

Escolher essas ocupações não significa ser algo errado ou ruim, mas deve ser escolhido de livre vontade e não imposto a elas, como ocorre na maioria das vezes. É preciso parar de estigmatizar profissões para esses grupos de pessoas.

Para que mulheres transexuais não sejam barradas em empregos formais, por não se enquadrarem em padrões impostos pela sociedade, a mudança de pensamento é necessária, para que essas mulheres não tenham sua existência contestada e, assim, garantir sua dignidade e seu direito de viver, ambos já assegurados pela Constituição Federal, porém, muitas vezes, esquecidos ou não respeitados perante a sociedade.

A Transexualidade e o Mercado de Trabalho

⁴ Transexuais: da palavra “Transexual” ou “Transgênero”, pessoa que nasceu com determinado sexo biológico, e não se identifica com o seu corpo.

⁵ CIS-HETERO-NORMATIVIDADE: O termo “cisheteronormatividade” é entendido como a capacidade da heterossexualidade apresentar-se como norma, a lei que regula e determina a impossibilidade de vida fora dos seus marcos. Assim, uma sociedade cisheteronormativa impele todas as pessoas a serem cisgêneras. Nesse sentido, aqueles que não correspondem às expectativas sociais acabam sendo discriminados (MARCHETTO et al, 2021, *apud* BENTO, 2008).

⁶ CISTema: sistema que favorece indivíduos cisgêneros em detrimento das pessoas trans e não-binárias.

⁷ Cisgênero: Indivíduo que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu.

⁸ Heterossexual: Pessoa que se atrai apenas por pessoas do sexo oposto.

Segundo Siqueira e Sampaio (2017), o ingresso da mulher no mercado de trabalho aconteceu na Primeira Revolução Industrial, em 1760, em que as mulheres começaram a serem vistas como uma mão de obra barata. Elas sempre foram colocadas em condições exaustivas, chegando a prejudicar a saúde das próprias.

Para Silva (2021), ao longo dos anos, através dos movimentos feministas, tivemos vários motivos para celebrar, em virtude de avanços nos direitos das mulheres em relação à desigualdade salarial e social, contudo não podemos nos esquecer das dificuldades que as mulheres ainda enfrentam para se manterem no mercado de trabalho. Podemos citar como uma dificuldade o fato da maternidade no contexto organizacional, vez que muitas vezes o empregador acaba não contratando uma mulher pelo fato dela poder ter filhos e, diante disso, ficar afastada, sem tempo e disposição para alcançar as metas e objetivos impostos nas atividades diárias.

Temos ainda prejulgamentos enraizados na nossa sociedade sobre o papel da mulher e seu local na sociedade, através da utilização do termo “sexo frágil” com o objetivo de definir o sexo feminino como sendo inferior ao sexo masculino e assim tentando diminuir sua capacidade (SEGGIARO, 2017).

A partir da diferenciação entre sexo e gênero, observa-se que, durante a história do mundo, a mulher sempre foi vista como inferior pelo homem e por uma questão de sexo biológico deveria obediência a ele (BUSIN, 2011).

Um levantamento publicado em 2021, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que, em 2019, mulheres receberam, em média 77,7% do montante recebido por homens. O levantamento mostra também que, quanto mais alto o cargo, mais essa proporção aumenta.

Conforme Kaffer et al. (2016), é importante entender que as significações de gênero são de origem social, referente às situações diárias inseridas na nossa cultura, no campo social e histórico. A sociedade ainda mantém princípios heterocêntricos ⁹que ostentam atitudes preconceituosas frente a transexuais no mercado formal de trabalho.

⁹ Heterocêntricos: da palavra “Heterocentrismo”, é toda forma de perceber e categorizar o universo das orientações sexuais a partir de uma ótica centrada em uma heterossexualidade estereotipada considerada dominante e normal não apenas como estatística, mas, principalmente, no sentido moralizante do termo.

O preconceito e a discriminação são os principais fatores que levam a uma vida hostilizada e marginalizada, mesmo tendo em nosso ordenamento jurídico leis que vedam tratamentos desiguais a qualquer ser humano (ANTRA, 2020; KAFFER et al. 2016).

As mulheres transexuais possuem uma estimativa de vida de apenas 35 anos. Neste curto tempo, elas vivenciam a rejeição familiar, baixa aceitação social e quase nenhuma oportunidade de ingressar no mercado de trabalho formal. Esta situação chega a levar quase 90% delas a recorrerem à prostituição para poder tirar seu sustento; conseqüentemente, por se encontrarem nas ruas, sofrem mortes violentas e brutais (SILVA, 2021).

As oportunidades para pessoas consideradas fora do padrão imposto pela sociedade são raras e o preconceito já começa no processo de triagem. Na hipótese de o candidato conseguir passar por ela, ainda assim enfrentará o descaso da sociedade com o acolhimento e empatia dentro das empresas, quando, por exemplo, pessoas transexuais são chamadas pelo nome de registro, não existindo uma cultura ou um trabalho prévio de conscientização e sensibilização com todos os colaboradores, na maioria brancos e cisgêneros. Muitas vezes, é essencial o acompanhamento de um profissional especializado da área de Saúde (ANTRA, 2020).

É preciso mudar o pensamento da sociedade tendo como princípio o objetivo de desconstruir a visão de que a única sexualidade correta é a heterossexualidade. A mudança de pensamento se faz necessária para a compreensão de que pessoas transexuais sofrem discriminação e são barradas muitas vezes em empregos formais por não se enquadrarem em um padrão patriarcal e retroativo (KAFFER et al. 2016).

Objetivos

Objetivo Geral

O objetivo geral do trabalho é a melhor compreensão acerca da inserção das mulheres transexuais no mercado de trabalho formal.

Objetivos Específicos

- Entender a discriminação que mulheres transexuais sofrem no mercado de trabalho;
- Verificar as possíveis dificuldades da inserção no mercado formal de trabalho;
- Compreender os aspectos ligados às relações pessoais no trabalho.

Metodologia

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa quantitativa-qualitativa de caráter exploratório. Segundo Köche, “Na pesquisa exploratória, não se trabalha com a relação entre variáveis, mas com o levantamento da presença das variáveis e da sua caracterização quantitativa ou qualitativa.” (KOCHE, 2011, p. 126)

De acordo com o mesmo autor:

A pesquisa bibliográfica, por sua vez, é estritamente necessária para se efetuar tanto a pesquisa descritiva quanto a experimental. Não se pode prescindir, sem querer com isso cair num fetichismo, da análise teórica prévia para planejar os outros dois tipos de pesquisa (KOCHE, 2011, p. 126)

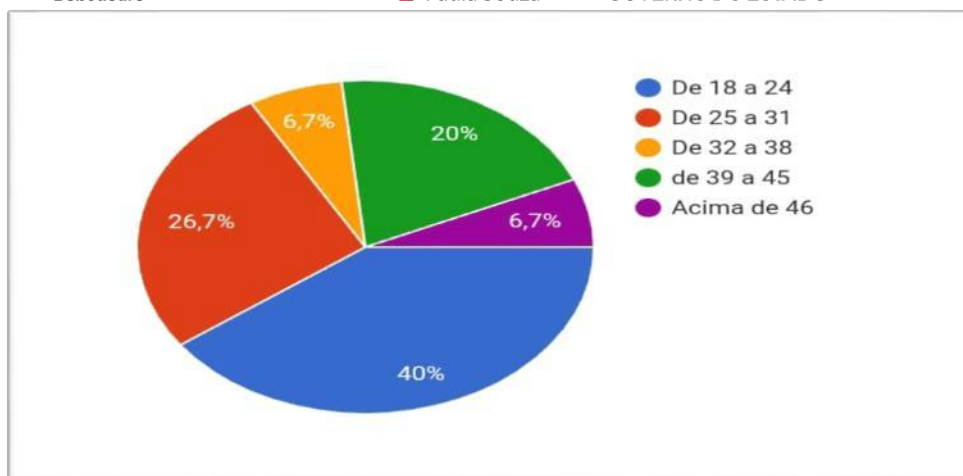
O referencial teórico utilizado foram artigos, livros e trabalhos encontrados em sites como Lilacs, Google Acadêmico e SciELO sobre o tema "A inserção de mulheres transexuais no mercado de trabalho". O instrumento escolhido para coleta de dados foi um questionário adaptado do Trabalho de Conclusão de Curso de Nogueira (2018), intitulado: “Bem menininha”: a vivência de mulheres trans* no mercado de trabalho de Mossoró”. O questionário possui 17 perguntas abertas e de múltipla-escolha, e foi enviado através da plataforma Google Forms.

A seleção de participantes para a pesquisa foi feita através de um convite via rede social (Facebook), em grupo voltado para a comunidade trans. A amostra do presente trabalho contou com total de 15 participantes, de diferentes partes do país, uma vez que o grupo em questão tem âmbito nacional. Com o objetivo de preservar o anonimato das participantes, foram utilizados nomes fictícios de pássaros, como Rouxinol, Beija-Flor e Bem-te-vi, para que citações de suas falas pudessem ser realizadas.

Resultados

Com base na análise dos resultados obtidos com a aplicação do questionário, foram alcançados os seguintes dados:

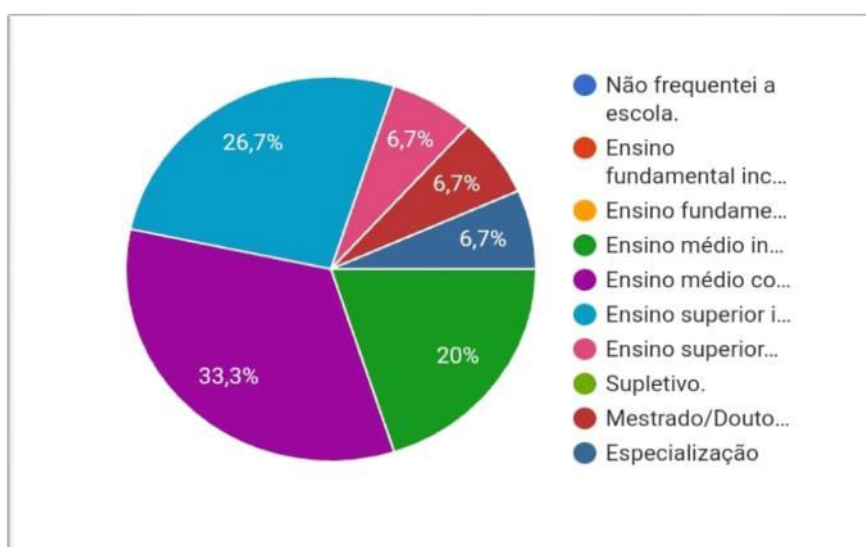
Gráfico 1: Qual é a sua idade?



Fonte: Pesquisa elaborada pelas próprias autoras com base em Nogueira, 2018

De acordo com a análise do gráfico, pode-se perceber que o levantamento de Silva (2021) sobre a expectativa de vida de mulheres transexuais é de 35 anos e este dado ainda permanece por mais que não se tenha passado muito tempo desde o referido levantamento. O maior dado alcançado com o questionário é de 18 a 24 anos, com 40%, e o segundo é de 25 a 31 anos, com 26,7%. Apenas 6,7% alcançaram a expectativa de vida acima dos 46 anos, ou seja, podemos dizer que a expectativa de vida das mulheres transexuais esteja aumentando, mesmo que ainda a expectativa maior seja em torno dos 35 anos.

Gráfico 2: Conte-me um pouco sobre a sua trajetória educacional.



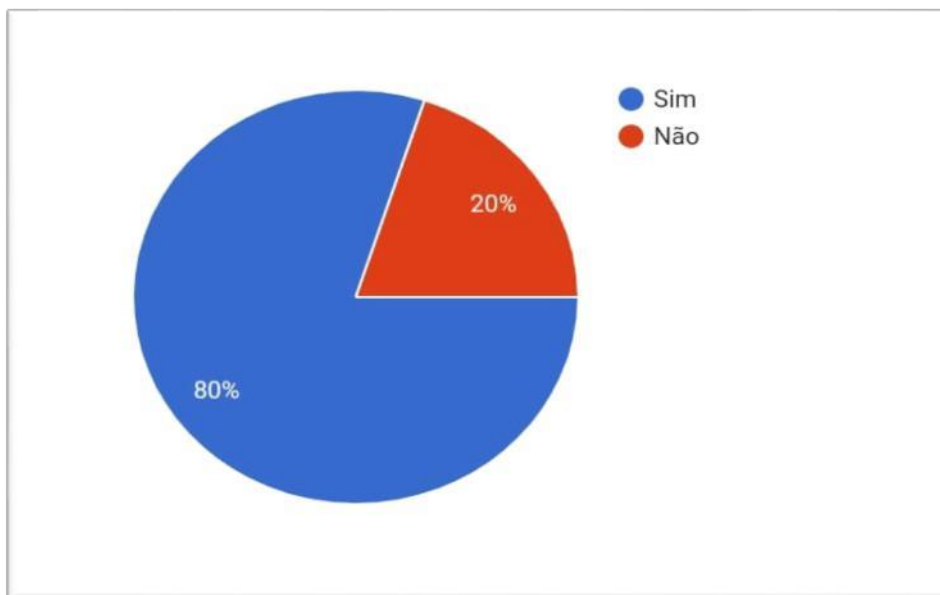
Fonte: Pesquisa

elaborada pelas próprias autoras com base em Nogueira, 2018

Para Silva (2021), sobre o levantamento que fez, apontou que 90% das mulheres transexuais recorrem à prostituição como forma de sobrevivência por terem baixa aceitação social no âmbito familiar, como também no âmbito escolar. Observamos, com a análise da pesquisa em relação às perguntas abertas, que 14,28% das entrevistadas tiveram que recorrer à prostituição. Neste gráfico, vemos que, na amostra coletada, 33,3% conseguiram concluir o ensino médio, porém 20% delas não conseguiram terminar. Por outro lado, 26,7% chegaram a fazer o ensino superior, embora não tenham completado o mesmo.

Segundo Kaffer et al. (2016), sobre a trajetória educacional, o abandono escolar ocorre pelo fato de a vivência naquele ambiente ser conturbado, por sofrerem discriminação e, em alguns casos, não sendo via de regra, não terem o apoio e suporte necessário da família e nem da escola. Apesar desses entraves, a amostra demonstrou 6,7% de mulheres transexuais com ensino superior completo e 6,7% com mestrado/doutorado. Mesmo ainda sendo uma margem baixa, pela quantidade de respostas obtidas, pode-se supor que as oportunidades para um trabalho formal estejam melhorando.

Gráfico 3: Você acredita que sua identidade de gênero interfere em algo na busca pelo emprego e/ou no seu ambiente de trabalho?

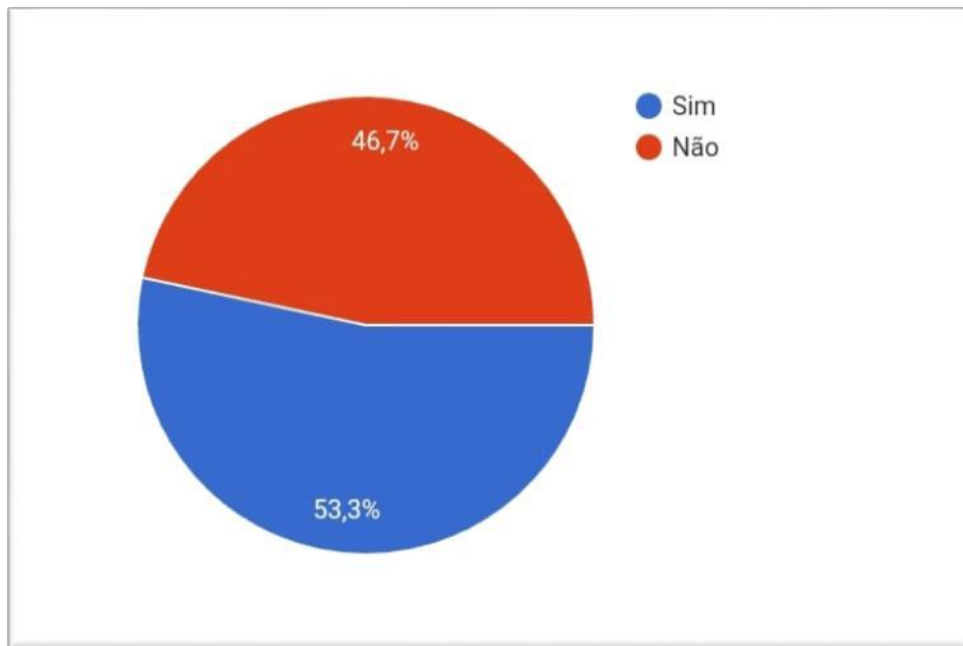


Fonte: Pesquisa elaborada pelas próprias autoras com base em Nogueira, 2018

Rouxinol: “Em um dos meus primeiros empregos, enquanto estava em meu processo de transição, alguns colegas de trabalho fizeram piadas ofensivas a mim, no momento eu não reagi, mas me senti muito humilhada, tanto que pedi demissão logo em seguida”.

Sobre a relação da identidade de gênero interferir na busca por emprego, Neves (2021) traz a relação aos pré-conceitos em nossa sociedade, em partes mudada e desenvolvida, mas em observação de 80% das mulheres que responderam essa pergunta, é fácil perceber como isso está enraizado ainda hoje. Muitas vezes, as mulheres têm as competências necessárias para preencher aquela vaga de emprego, mas o empregador enxerga de outra forma por seu preconceito.

Gráfico 4: Você já perdeu uma oportunidade de emprego unicamente por ser transexual?



Fonte: Pesquisa elaborada pelas próprias autoras com base em Nogueira, 2018

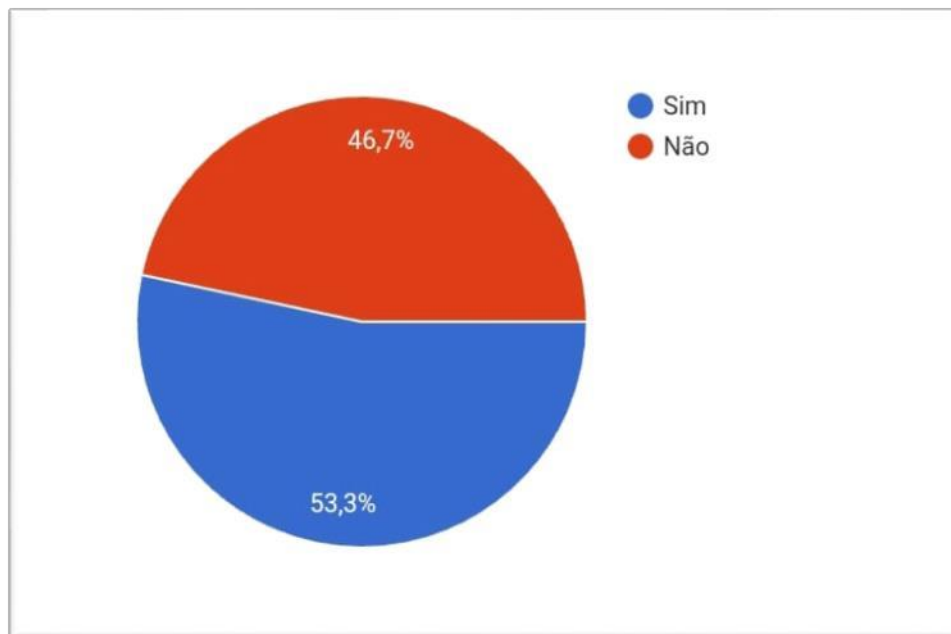
Para Almeida (2022), mulheres transexuais passam por dificuldades a partir do momento em que decidem sair em busca de empregos. Essas dificuldades se complicam quando essas mulheres ainda não possuem seus documentos retificados.

Como visto, as pessoas transexuais para conseguirem ser aceitas e se inserirem no mercado de trabalho, passam por muitas dificuldades. É devido a isso que

muitas preferem mudar de vida, abandonar a escola e se isolar para evitar constrangimentos e humilhação (KAFFER, 2016, p.7).

Mulheres transexuais se sentem coagidas a irem pelo caminho que já foi traçado pela sociedade para elas, seguir profissões que as pessoas enxergam como tão somente impostas para elas, como: cabelereira ou maquiadora, até mesmo a prostituição. Finalizar os estudos se torna algo difícil aos olhos das mesmas, muitas seguem seu caminho ainda vivenciando humilhações diárias, que, infelizmente, não são poucas.

Gráfico 5: Você já passou por uma situação constrangedora e/ou preconceituosa no seu ambiente de trabalho?



Fonte: Pesquisa elaborada pelas próprias autoras com base em Nogueira, 2018

Keffer (2016) ainda cita que, nas raras vezes em que passam pela etapa de entrevista, muitas ainda sofrem dentro do ambiente de trabalho devido ao fato de serem transexuais, sendo obrigadas a passar por humilhações, às vezes não conseguindo apoio para levar os casos para superiores e Recursos Humanos.

Beija-Flor: “Não tive chance de trabalhar depois de ter me assumido transgênero”.

Bem-te-vi: “Uma parente da minha patroa achou um absurdo ela contratar um "homem traveco vestido de mulher" para cuidar da casa dela, mas minha patroa me defendeu”.

A fala citada por Bem-te-vi mostra que a discriminação e a humilhação no âmbito organizacional ainda são recorrentes e algumas precisam ou sentem que é preciso abandonar seus empregos para não serem humilhadas. Enquanto que a fala de Beija-Flor mostra que algumas não conseguem sequer preencher uma vaga, devido à transexualidade (KEFFER, 2016).

Conclusão

Pode-se compreender que, por mais que o mercado formal de trabalho tenha melhorado para a inserção de mulheres transexuais, algumas ainda necessitam recorrer à prostituição como forma de sobrevivência, visto que 14,28% delas fazem parte da estatística de não estarem inseridas em um trabalho formal.

É preciso que a sociedade mude a forma de pensar em relação ao exclusivismo do que seria correto: o padrão heteronormativo, para que pessoas transexuais não sofram discriminação e possam ter uma vida digna.

Dignidade é poder se candidatar a uma vaga independente de sua orientação sexual e não perder a oportunidade de um emprego somente por ser uma mulher trans, como 53,3% das mulheres entrevistadas perderam ou não tiveram a chance.

Segundo os dados apresentados, vemos os dois lados da mesma moeda, algumas conseguiram ir além das expectativas impostas pela sociedade e outras não, ainda há um longo percurso para uma grande melhoria em relação a contratar pessoas pelas suas habilidades e competências e não por seu gênero.

Portanto, o tema abordado neste trabalho possibilitou uma maior compreensão da necessidade e importância da viabilização de oportunidades de emprego no mercado formal para mulheres transexuais. Abraçar a diversidade é construir um futuro melhor e com menos pré-conceitos e conceitos estigmatizados

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Cecília Barreto de e Vasconcellos, Victor Augusto **Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo**. Revista Direito GV [online]. 2018, v. 14, n. 2 pp. 303-333. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2317-6172201814>>.

Acessado 15 Fevereiro 2022

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Assassinatos contra travestis e transexuais Brasileiras em 2020**. Boletim Nº 05/2020 - 01 de janeiro a 31 de outubro de 2020. Rio de Janeiro, RJ; 04 de novembro de 2020. Disponível em:

<<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/11/boletim-5-2020-assassinatos-antra.pdf>>.

Acessado em 20 de Fevereiro de 2022

BUSIN, Valéria Melki. Religião, sexualidades e gênero. **Revista de Estudos da Religião (REVER)**, v. 11, n. 1, p. 105-124, 2011. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6032>>. Acessado em 20 de

Fevereiro de 2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Disponível em:

[https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&](https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?). Acessado em 22 de Fevereiro de 2022

JESUS, Jaqueline Gomes de. **O conceito de Heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência**. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 18, n. 3, p. 363-372, set/dez 2013 363 Disponível em

<https://www.scielo.br/j/pusf/a/Zv5cMnfMKWS5k6xkLtBjjYH/?lang=pt&format=pdf>.

Acessado em 06 de Junho de 2022

KAFFER, Karen Ketlin et al. A transexualidade e o mercado formal de trabalho: principais dificuldades para a inserção profissional. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. 2016. Disponível em:

<<https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/52>>. Acessado em 22 de Fevereiro de 2022

KOCHE, José Carlos. Fundamentos de metodologia científica : teoria da ciência e iniciação à pesquisa / José Carlos Köche. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. Disponível em: [Fundamentos_de_Metodologia_Científica\(1\).pdf](#). Acessado em 07 de Maio de 2022

MARCHETTO Patrícia Borba, LEITE Taylisi de Souza Corrêa, FARIA Lucas Oliveira. Temas Fundamentais de Direito e bioética volume II. Programa de pós-graduação em direito - ppgd. 2021

NEVES, Naiara Patrícia. **Pessoas trans: luta por espaço e inclusão no mercado de trabalho**. Colunista do JORNAL DOIS. 2021. Disponível em: <<https://adnews.com.br/pessoas-trans-luta-por-espaco-e-inclusao-no-mercado-de-trabalho/>>. Acessado em: 29 de Setembro de 2021

NOGUEIRA, Lucas Castro. **“Bem menininha”: a vivência de mulheres trans* no mercado de trabalho**. Trabalho de conclusão de curso, Mossoró, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/3368>>. Acessado em: 22 de Fevereiro de 2022

RODRIGUES, Paulo Jorge et al. O trabalho feminino durante a revolução industrial. **XII semana da mulher. São Paulo**, 2015. Disponível em: <<http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/publicacao.asp?codTrabalho=MTI5MDU>>. Acessado em: 22 de Fevereiro de 2022

SEGGIARO, Felipe Balestrin. Mulheres no Mercado de Trabalho: Análise das dificuldades de gênero enfrentadas pelas mulheres do século XXI. **Revista Metodista de Administração do Sul**, v. 2, n. 2, p. 83-107, 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasipa/index.php/administracao/article/view/496>>. Acessado em: 30 de Setembro de 2021



SILVA, Divinadabi; Da, Maria. A Dificuldade De Inserção No Mercado De Trabalho Enfrentada Pela População Trans Em Um País Recorde De Transfobia Fatal. 2021.

Disponível em:

<http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/18082/1/2021_TCC%20_Divinadabi%20Maria%20da%20Silva.pdf>. Acessado em: 15 de Fevereiro de 2022

SIQUEIRA, D. P., & Samparo, A. J. F. (). Os Direitos Da Mulher No Mercado De Trabalho: Da Discriminação De Gênero À Luta Pela Igualdade. Revista Direito Em Debate, 26(48), 287–325, 2017Disponível em: <<https://doi.org/10.21527/2176-6622.2017.48.287-325>>.Acessado em: 17 de Fevereiro de 2022